TOMADA DE MONTE CASTELO

PELA 3.ª CIA. DE FUZILEIROS

DO REGIMENTO SAMPAIO

SOB O COMANDO DO

Cap. YEDDO BLAUTH

★ ★

ATENÇÃO: Leia nas páginas 18 a 22

as proclamações n.ºs 1, 2 e 3

cabou, és nosso prisioneiro). O hitlerista teve um re-
ente de insolência: «Heil Hitler!» exclamou. «Questo
anche é finito» (isto também acabou), comentou sorrindo
o expedicionário. E tinha razão. Para aquele soldado
nazista não só a guerra findara; dali por diante também
«isso» deixaria de existir.

O PRIMEIRO ATAQUE

A ordem de ataque surpreendeu a tropa ainda mal dormida e pouco refeita do esfôrço da caminhada da véspera. Não obstante o capitão Blauth lançou-se com seus soldados, à conquista da elevação 975, que constituia o objetivo nº 1 do Batalhão. Ali a 3.ª deveria ficar como tropa de acolhimento, se porventura falhassem os movimentos previstos para a 1.ª e 5.ª Companhias.

O contato com o inimigo é brutal no ponto 1.027. Há um momento sombrio. Para se manter em 975, Yeddo tem que atacar 1.027. Não hesita; manda armar baionetas e pula na frente da tropa. Os brasileiros o seguem com ardor. Os nazistas são violentamente empurrados para traz. Espicaçados, vão caindo aos punhados, como troncos velhos que o furacão derruba. Os que escapam, recuam para evitar o cêrco. A manobra parece vitoriosa.

Não o está ainda. Agarrados ao solo como raizes, os soldados de uma guarnição nazista hostilizam a nossa infantaria com fogos de flanqueamento, impedindo a liberdade de movimentos da mesma. Balas da «Lourdinha» sibilam no ar. As granadas parecem faisca saindo de pedra de isqueiro. Um golpe de audacia do tenente Humberto Brandi, acaba com a resistência. Ocupa as posições nazis que fogem desordenadamente, deixando muito material, enquanto o tenente Vilaboim vai metendo os remanescentes inimigos num verdadeiro colete de ferro; mata um alemão e aprisiona outro. A manobra também é auxiliada pelo tenente Freitag, num movimento envolvente, com dois grupos. A ação resoluta dos pelotões Brandi e Vilaboim e a cooperação de uma peça «30» de petrechos, sob o comando do tenente Godofrdeo, cuja guarnição demonstra admirável destemor, força os nazistas a um novo retraimento.

O capitão Blauth impulsiona, pessoalmente, dois G. C. (grupos de combate) do pelotão Freitag, que acaba de perder um sargento. Nem o choque nervoso sofrido pelo sargento encarregado do serviço de transmissões da Companhia, do que resultou a interrupção quase fatal das mesmas, obrigando o capitão Yeddo a constantes movimentos para dirigir a sub-unidade, nem os mil e cem tiros por minuto da terrível «Lourdinha», podem, já, conter o ímpeto dos brasileiros. O inimigo foge. Agora sim, está assegurada a vitória.

ENFIM, MONTE CASTELO

Ao fragor do choque sucede a calmaria. O descanso não durará. O comandante da 2.ª estabelece ligação com o comandante do Batalhão. Nova ordem de ataque. O objetivo é árduo de atingir, mas não são admitidas vacilações. O 1.º Batalhão deve auxiliar o 3.º que se encontra detido. A 3.ª Companhia será a base, tendo como ponto de direção o ponto mais alto do monte e, como missão, ocupar a sua parte mais elevada. Tudo foi previamente estudado. No avanço, será enquadrada pela 1.ª e 5.ª. O rumo agora é um monte. E o monte é Monte Castelo.

O nome tem para os expedicionários o efeito de um revigorante. Mesmo sem café, sem almoço, esgotados pela última batalha, num minuto estão a postos, magníficos no entusiasmo, sublimes na abnegação. São os mesmos soldados que três meses antes atacavam Castelo, naquela ocasião tendo à frente o heróico capitão Salvador Gonçalves Mandim, seu primeiro comandante. Prontos a marcar, com sangue e com glória, a linha divisória entre o cesarismo e a liberdade, comovem acima dos rasgos heróicos, pela emocionante serenidade com que se dispõem ao sacrifício. Em verdade não são apenas homens: sobretudo, são heróis.

COMEÇA A BATALHA

O morro levanta-se, como um fantasma ruim, diante das forças brasileiras. Barrando-lhes a marcha, cobra, duro e cruel, cada palmo de seus flancos em toneladas de

vidas, que a metralha nazi vai ceifando, ao mesmo tempo em que abre, no chão, incontáveis cráteras como se fosse bexiga.

À hora marcada, com um sincronismo de espantar, a artilharia verde-oliva rompe fogo. O monte parece contorcer-se ao rude impacto das balas, que rasgavam o ventre da terra. De repente, os canhões cessam de atirar. Tem a palavra a infantaria. A massa humana começa a mover-se em direção ao monte, com seus fuzis em diagonal, sôbre o peito. A batalha acaba de ter início.

Ao primeiro choque, coberta pelas granadas fumigenas, a vanguarda inimiga se retrai. Com a batalha, começa também a subida. Os soldados lembram formigas arrastando-se pela encosta acima. É assim que os véem os aviões que ajudam a tarefa de amolecimento do adversário. Próximo à linha de crista, bem abaixo do topo do Castelo, dá Yeddo com elementos perdidos de uma Companhia americana, que provavelmente deveriam estar lutando em Terracia, paralelo a Castelo. A 3ª adianta-se. O capitão Yeddo inflama-se ao calor do combate: «Para a frente brasileiros!» A exclamação sacode os nervos e faz subir o sangue à cabeça. Os expedicionários arrojam-se, ultrapassando aqueles elementos. Os pelotões Vilaboim e Freitag vão na vanguarda, à cuja frente já seguia, por sua própria iniciativa, comandado pelo tenente Brandi.

As granadas de mão nazis descem a encosta numa correria louca e vão espoucar no terreno organizado pelos americanos. Não há baixas, entretanto. E isto é o principal. O pelotão Brandi, quase no topo do morro, é fortemente hostilizado. Os alemães concentram sôbre êle todos os fogos de suas armas automáticas. Tudo inútil, porque os brasileiros se aferram ao terreno, com as caras coladas ao solo. Cessado o fogo, avançam. Na parte mais alta de Castelo, dispõem em forma de meia lua e vão organizando o terreno conquistado. De lá não sairão mais.

FALA O TENENTE BRANDI

Eis como o tenente Brandi descreve a sua chegada a Castelo: «Meu pelotão depois de ter ultrapassado elementos de uma Companhia americana, que se deteve no meio

do morro, foi a primeira tropa brasileira e aliada que, sob fogo inimigo, pisou a fortaleza e ocupou-a e, dessa vez, não tive que deplorar perdas grandes em meu efetivo (no ataque anterior perdera 18 homens). Do alto da crista, percorri o olhar pela região, onde, havia três meses, efetuara o primeiro ataque: o terreno aberto lá em baixo, onde, de peito aberto, furamos uma terrível barragem de artilharia e morteiros; o primeiro objetivo conquistado, a linha de tincheiras, a descida íngreme para alcançar a base do morro e o local onde, não podendo mais avançar, fiquei detido com meus homens até receber ordem de retraimento. Pensei num contra-ataque e tomei as medidas para evitá-lo; para isso, fiz uma organização de terreno em forma de meia-lua, no alto da crista. Caiu a noite cheia de expectativa, mas já tôdas as providências haviam sido tomadas para a conservação do terreno duramente conquistado. O inimigo continuava a fugir aos magotes. A nossa artilharia perseguia-o em sua fuga desordenada. «Não ousará contra-atacar», pensei. Escolhi uma ótima casamata-observatório, que dominava todo o vale do Maranol para repousar da refrega. Lá dentro tropecei em capacetes de aço, granadas e agasalhos alemães; utilizei-me dos agasalhos e depois de verificar a inexistência de minas **boob-traps** ou granadas de explosão retardada, procurei repousar um pouco.

Ocupada a crista, o capitão Yeddo instala-se defensivamente com o resto da sua Companhia. Pelo rádio o tenente Homero, observador avançado de artilharia, que acompanhou a infantaria, comunica ao major comandante do batalhão, a queda do baluarte fortificado dos nazis. Já não existe mais o espantalho devorador de homens. A 3.ª ganhou uma glória: a de ter sido a primeira força brasileira a ocupar e instalar-se em Monte Castelo. Ao pelotão Brandi coube a primazia. A gloriosa bandeira do Brasil flutua, impávida no topo do Castelo. Está respondida a afronta dos torpedeamentos sem mercê, pelos piratas nazistas. E essa resposta é uma epopéia.

DEPOIS DO COMBATE

Dois dias depois, na quota 930, os morteiros alemães revolveram impiedosamente as posições da 3.ª, cheios de

raiva e de despeito, no desespero da derrota. Tomba gloriosamente o tenente Godofredo de Cerqueira Leite e sua valente ordenança Lima. O capitão Blauth é atingido; com êle, o tenente Langone, que havia substituído o tenente Homero, ferido no dia imediato à queda de Castelo. Os alemães vingavam-se.

O comandante segue para um hospital da retaguarda. O tenente e o soldado morto são enterrados em Pistoia, no solo molhado de gelo e de lágrimas.

Vinte e poucos dias depois, é o tenente Humberto Brandi quem recebe 20 estilhaços de granada em pleno rosto e 2 nos pulmões. O destino e os ferimentos da guerra o reunem, mais tarde, ao capitão Blauth em Livorno, no mesmo hospital, na mesma enfermaria.

Defrontam-se. A emoção os domina. Yeddo sem a perna direita e Humberto quase sem fala e sofrendo dores horríveis. Abraçam-se. Com êsse abraço, para êles, também termina a guerra.

Hoje, o capitão Yeddo Blauth encontra-se no Bushnell General Hospital, em Brigham City, Utah, nos Estados Unidos. Ali faz um curso de readaptação para mutilados, aprendendo a servir-se de uma perna mecânica, com a qual pretende dirigir até um automóvel especial. O tenente Brandi, depois de uma intervenção cirúrgica na América do Norte, regressou ao Brasil, onde aguarda sua reforma, como tenente convocado do Exército.

Graças a êles, aos homens que sob suas ordens serviram, ao Regimento Sampaio, enfim a tôda a FEB, a Pátria é livre e a tirania foi banida. Com a liberdade, também a paz retornou. E como escreveu um dia o tenente Humberto Brandi: «Sòmente aqueles que vivem e sentem uma guerra compreendem a necessidade absoluta de que a paz seja perene e a liberdade eterna».

———x———

Do Diário de Notícias de Pôrto Alegre, outubro - 17 - 1946

EU FUI CAPELÃO DA FEB

Padre Jorge Ferreira de Brito

Honram o Exército

No seguido ataque ao Morro de Castello sumiu-se o Capitão Bueno.

— Sabem da última? O Capitão Bueno desapareceu.

Patrulhas sôbre patrulhas foram mandadas procurá-lo. Depois de quase dois dias acharam o valente com o pulmão furado à metralha. Recolheram-no. Passou rápidamente pela Companhia de Tratamento. Fui vê-lo no Field Hospital.

Um tipão. Robusto. Barba cerrada. Matogrossense. Fazia parte do Estado Maio do Gal. Zenobio, que na falta de um comandante de companhia de fuzileiros lançou mão dele.

— Como vai, meu capitão?

— Assim, como Deus quiser.

Confessou-se. Dei-lhe a santa comunhão.

Perguntei ao Major Alipio:

— Salva-se?

— Acho que sim. Não houve hemorragia interna.

Pediu-me o ferido uma medalha, ou melhor seria uma reliquia. São João Bosco, santo de sua devoção.

Prometi procurar.. Os desejos dos feridos são sagrados. Em Valdibura, em Castel di Cássio, em Porretta Terme não havia. Mandei buscar em Pistoia e nunca trouxeram. Estou devendo até hoje.

Soube agora que está em Belo Horizonte. Foi promovido a Major e condecorado Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar.

No terceiro ataque ao Morro fatídico foi ferido o Capitão Yeddo Blauth. Conheci-o em São Leopoldo, Aspirante, no 8.º B. C. Estive em casa de sua família, um mimo de asseio e cuidado. Muito amáveis, tinham os pais grande satisfação em ver o filho encaminhado na vida.

Yeddo passou ferido quase às seis horas da manhã, quando o capelão exausto pelos trabalhos da noite já se recolhera. Como não havia perigo imediato de vida os enfermeiros da hora não chamaram. Fui a Pistoia vê-lo no hospital. Tinham cortado o pé e o terço inferior da perna. 28 anos o rapaz.*)

— Como vamos?

— Estou escrevendo agora mesmo para casa.

— Mandou dizer?

— Que perdi o pé. Preocupo-me mais com o que êles vão sentir ao me saberem assim, do que comigo mesmo. Por que afinal, quando entrei no exército preparei-me para um golpe desses. Quando vim para a guerra, de novo pensei nisso e em coisas piores. Mas para minha gente é uma grande desgraça o que me aconteceu. Só tenho um desejo, continuar no exército, como professor, ou qualquer coisa que me permita ficar na profissão.

Yeddo é um rapaz enérgico. Dominou a dor. Mais tarde tornaram a cortar a perna acima do joelho. Está hoje na América do Norte tratando de acostumar-se com a perna mecânica.

Dois oficiais de valor, Bueno e Yeddo. Honram as fileiras do Exército Brasileiro. Yeddo talvez tenha sido o primeiro a galgar o Morro do Castelo. Ambos têm o nome ligado a êsse feito heróico das forças brasileiras.

———x———

* Obs. O Capitão Yeddo recem tinha completado 27 anos.

Trechos de cartas do capitão Yeddo, aos seus pais e irmãos, por êle cognominados «Turma de casa» e ao capitão Helio Germano Schuch da E.E.M.E., seu amigo e colega de turma desde o primeiro ano do Colégio Militar, em Pôrto Alegre.

Ainda Vila Militar, aos 19 de Setembro de 1944.

Queridos pais e irmãs!

Saúde e felicidades para todos!

É com satisfação e orgulho que vos informo, que muito provàvelmente esta é, antes do fim desta guerra, a última carta que escrevo do solo pátrio.

A imprensa já tornou oficial a entrada em combate das nossas tropas.

Parece que o fizeram com galhardia.

Eu tenho comandado brasileiros durante anos e tenho fé de que saberão lutar...

———x———

Itália, 14 de janeiro de 45.

Schuch amigo!

Saúde e felicidades a ti e aos teus!

Contente, muito contente fiquei, com a bôa notícia da tua aprovação no concurso à E. E. M. E.

Meus parabens!

Vais passar 3 anos no Rio!

E que anos!

Aumentarás em saber e influência dia a dia, tudo no melhor ambiente geográfico e profissional que o rei dos países, o Brasil, pode proporcionar aos seus filhos mais queridos.

És um dos eleitos do Exército.

A oportunidade, a caprichosa Deusa Fortuna, tênue como uma teia de aranha, flutuou na tua frente.

Resoluta, honesta e perseverantemente para ela avançaste. E a fortuna caiu nas tuas malhas e você venceu!

Eu não escondo a minha satisfação em ter a convicção íntima de haver cooperado para êste resultado.

E assim cumpri o último dever para com o Exército.

O primeiro era, como profissional, lutar onde quer que fosse necessário, desde que a Pátria mostrasse o campo de luta.

«A cobra fumou», a Itália chegou, com o inverno nevou, a briga começou e êste primeiro dever foi satisfeito.

O segundo era ter no seio da família profissional, alguém que, revestido da autoridade que o curso chave confere, fosse meu irmão espiritual e pregasse as minhas idéias e convicções.

E isto também já consegui.

Portanto, mesmo que me bombardeie por aqui, terei sempre a grata satisfação de saber que alguém continúa a minha tarefa...

Bem «capitão Schuch» aceite também minhas congratulações pela promoção.

Agora, quanto a mim, vou bem de saúde, estou com mais banha na barriga do que nunca (como um velho capitão que se preza) e já andei exercendo várias funções nesta guerra.

Já fui comandante da Companhia de Comando do Regimento e agora consegui ser classificado na Cia. de Obuzes do Sampaio... Sou quasi um artilheiro e hoje regressei da linha da frente, donde em um fox-hoje colocado na frente de um F. M. H., fiz um giro de horizonte, com um tenente da Cia., destacado como observador avançado e com a missão de regular os tiros.

Pela primeira vez consegui ver alemão em posição, mas só com auxílio de uma luneta de 20 aumentos.

Só se via o busto e parecia uma das familiares silhuetas do T-10 do R. T. A. P., pois até o fundo branco de neve coincidia. Si me deixarem ficarei nesta função até ao fim da guerra.

A mais nobre e difícil missão é no entretanto ser capitão fuzileiro.

Êle é que deve ser cantado e glorificado!

Mas como eu já tinha sido fuzileiro na organização americana dos Petrechos e comando, só me faltavam os Obuzes para eu completar o ciclo.

De maneiras que atualmente, topo «qualquer parada».

Sôbre a guerra pouco pode-se dizer, mas direi duas cousas inocentes:

1.º Lembra-se de um célebre exercício em que você, como oficial de transmissão (no 8.º B. C.) lançou mão de algumas inovações quanto ao emprego do telefone? Pois, meu velho, aqui só se faz assim e você deu «uma dentro».

Hosanas ao precursor!

2.º Eu sempre afirmava que, quem na guerra evoluia como em manobras, saia-se bem; e creio que eu estava com a razão...

———x———

Primeira carta — 48 horas depois de hospitalizado.

26-II-945

Turma de casa — Saúde e felicidades para todos.

Já há alguns dias que não vos escrevo, e passo agora a explicar como:

A F. E. B. ia montar uma operação de envergadura, que tinha que ser bem sucedida. Meu Cel. me chamou e disse que tinha uma missão dura para mim. E eu assumi o comando da 3.ª Cia. de fuzileiros. A ação era longa, eu sabia que teríamos muitas baixas.

Minha companhia foi a primeira que chegou ao objetivo, tendo ultrapassado na sua progressão à própria tropa americana.

Sofremos um bombardeio terrível, tive um tenente morto, dois feridos — E eu fui ferido.

Estou no hospital de Pistoia, e breve irei para o de Livorno, donde irei para os Estados Unidos, pois foi necessário amputar o pé direito, e lá colocarei um pé ortopédico, assunto nos quais êles são mestres. Cumpri minha missão, sacrifiquei-me pela Pátria e êste pé foi bem empregado. Nada de desanimos; já é um consôlo saberem que para mim a guerra terminou completamente.

No entretanto, sou agora incapaz para o serviço militar da ativa, e desejava que o pessoal de casa usando de suas influências, conseguisse para mim um lugar no Ma-

gistério Militar (como professor de Geometria ou desenho da E. P. P. A.). Os indicados para isto são — Coriolano Costa e Silva e Lino Machado e outros.

Inicialmente assumo o cargo interinamente, e depois faço concurso. Interessa minha nomeação ainda antes da minha chegada ao Brasil, para garantir a vaga.

No mais me sinto bem, e não se preocupem por minha causa, a não ser conseguindo o que pedi.

Abraços saudosos do Yeddo.

———x———

Segunda carta — Hospital em Livorno, 10-3-45.

Queridos pais e irmãs!

Muita saúde e felicidades para todos!

Aproveito um portador para vos escrever esta.

Como talvês ainda não tenham recebido minha anterior, narrando como fiquei «bombardeado», vou repetir a história.

Aproximando-se a fase de operações ativas, o Cel. chamou-me e, dizendo que tinha uma missão «dura» para mim, ordenou que eu assumisse o comando da 3.ª Cia. de fuzileiros.

Assim fiz e logo começaram a me darem «abacaxis».

Subi e desci morros de alturas astronômicas, passei dias sem comer, e noites sem dormir, sofri frio, porque a extensão da missão exigia pouco peso e não levei agasalhos.

Andei às voltas com o nazi, fiz prisioneiros, tomei ninhos de metralhadoras em casamatas, vi os alemães na minha frente erguerem a Cruz Vermelha, para recolher os seus feridos e os respeitei. Escapei várias vêzes milagrosamente da morte, pois fui alvejado por «Schützenkopfers» (atiradores escolhidos, armados com fuzil de pontaria especial, com auxílio de uma luneta) e êle errou, ou melhor acertou porque eu mexi a cabeça e a bala passou aonde ela estava; e as metralhadoras alemãs, mais de

uma vez fizeram com que eu me abrigasse do zumbido incômodo de suas rajadas.

Mas, afinal, me acertaram.

Uma granada de 88 encheu minhas pernas de estilhaços e no hospital, para evitar mal maior, jogaram minha perna direita na cesta de objetos inúteis, que devem ser incinerados.

Na carta anterior disse ter perdido o pé, mas os médicos me contaram a verdade aos poucos.

Minha moral porém continúa alta.

Sou militar profissional e a Pátria podia exigir de mim a vida e eu não reclamaria.

Há muito que estava preparado para cousas como esta. A perna foi cortada logo acima do joelho, no ponto ótimo para a colocação da artificial.

E, resta o consôlo de saber que estou fóra da guerra e do perigo e, que o que sobrou, volta.

Minha maior preocupação é que a turma de casa se preocupe demais com o acontecido.

Irei aos Estados Unidos colocar uma perna ortopédica, que dizem serem ótimas. Me tornarei assim internacional, um pedaço americano, o resto brasileiro.

Finalmente peço que encarem o acontecido com serenidade, calma e nada de desespero, pois, realmente o mal não é tão grande.

Herbert Marshall, ator cinematográfico, tem perna artificial e há «dansarinos» profissionais com elas.

Vamos ao que merece ser assuntado.

Estou incapaz para o serviço do Exército e naturalmente serei transferido para a Reserva.

Então pensei logo na minha transferência para o «Magistério Militar» em caráter interino como professor de desenho projetivo (geométrico, quer de Geometria da E. P. P. A.).

Mais tarde faria concurso e me tornaria efetivo.

Esta nomeação interinamente, podia ser feita ainda antes da minha chegada ao Brasil, afim de garantir a vaga.

E isto é o que podem fazer por mim; interessarem-se junto ao ról de conhecidos (Cel. Coriolano, Cel. Costa e Silva, Cel. Lino Machado e outros) no sentido de conseguirem a minha nomeação interina. Se conseguirmos isto terei minha vida norteada duma maneira muito agradável...

Abraços a todos do que sobrou do

Yeddo.

———x———

Observação: Mais tarde, em face da legislação, que garante as vantagens concedidas aos mutilados da F.E.B., escreveu:

.....

...agora sinto quasi uma injustiça aceitar minha nomeação para a E.P.P.A.; existirão outros mais necessitados do que eu...

.....

Do livro de Rubem Braga: «Com a F.E.B. na Itália».

«Esta é uma guerra de tenentes e capitães» — diz-se com frequência na Itália.

Sim, é uma guerra miudamente, duramente, ferozmente tática. E é justo reconhecer que tenentes e capitães, partilham os riscos de seus sargentos, cabos e soldados.

———x———

REGRESSO A SÃO LEOPOLDO — HOMENAGENS

O cap. Yeddo quando regressou à sua terra natal e ao lar paterno, em São Leopoldo foi alvo de comovente homenagem.

As suas singelas palavras em resposta às saudações monumentais das autoridades civis, militares e do povo foram as seguintes:

«É com prazer que exprimo minha gratidão, pela generosa manifestação de expontânea amizade que acabo de receber.

Soldado por vocação e escolha e descendente de pioneiros na colonização do nosso Estado, tinha obrigação moral de honrar as tradições da minha família.

Sou neto do senhor Jacob Blauth Neto, que, com apenas 14 anos de idade, fabricou cartucheiras e outros artigos de couro que foram usados pelos bravos que pelejaram na já legendária Guerra do Paraguay, contribuindo desta maneira para nossa vitória naquela sangrenta e demorada luta. Mais tarde meu avô abriu picadas a facão, construiu pontes e engenhos, singrou o Rio dos Sinos e mostrou-se em tôda a sua vida um pioneiro da colonização.

Sou filho do Dr. Ewaldo P. Blauth, que já engenheiro formado, foi à Europa para aperfeiçoar seus conhecimentos e lá apaixonou-se pelos problemas de aviação a tal ponto que em breve tornou-se um piloto brevetado. Foi meu pai o primeiro filho do Rio Grande do Sul que trocou as rédeas do ginete pela alavanca de comando de um avião. Coube à êle a honra de primeiro entre os filhos do Rio Grande, cruzar os ares na cele de um avião que obedecia aos seus comandos como potro bem domado.

Filho e neto de homens de valor, pertencente à comunidade da qual sempre me orgulhei, tive, quando chegou o momento, por fôrça de tradições e imposições do ambiente em que me criei, que mostrar que descendia de gente de fina têmpera, e provar que o homem é o produto do meio.

Assim, leopoldenses, se eu, filho de nossa cidade, portei-me dignamente, os méritos não cabem a mim, mas a todos vós, que com vosso carinho, solidariedade espiritual e moral, fortaleceram minha decisão de bem cumprir o meu dever.

Mais do que a mim, que apenas executei, como profissional do Exército, o que aprendera na escola e aperfeiçoara nos campos de manobras, os méritos de minhas ações cabem principalmente aos meus chefes pelas ordens adequadas que me deram, e aos meus oficiais, graduados e soldados, que, fiéis e valentes, jamais envergonharam seu capitão, jamais deixaram de traduzir por ações aquilo que eu decidira executar..

Os canhões inimigos rugiam e insinuavam na alma pensamentos de prudência e mêdo, mas, as cartas e notícias que chegavam da querência querida, dos pagos estremecidos, contando do interêsse e da confiança que to-

dos tinham em nós, varria de nossos peitos semelhantes pensamentos e robustecia a vontade de vencer, houvesse o que houvesse, custasse o que custasse.

Não fomos nós, os expedicionários, que vencemos, mas nós os brasileiros, os que venceram.

Foi nossa querida Pátria, foi o Brasil que venceu. Tenho dito».

———x———

POESIA AO EXPEDICIONÁRIO

Loló de Oliveira Brandão

Os bravos expedicionários
São os heróis dessa glória
Que pela estrada de abrolhos,
Foram colher a vitória.

Foram perpetuar a grandeza
Do país em que nasceram
Lutaram por ideais
E com denodo venceram.

Dos nossos antepassados
Honraram as tradições
Dando a vida pela Pátria
Ao trovejar de canhões.

Ergueram a nossa Bandeira
Num pedestal de bravura.
Belo exemplo patriótico
Para gerações futuras.

Lá no Monte Castelo,
Ficou com fogo gravado
O heroismo deste povo.
Valor do nosso soldado.

(Trechos da poesia declamada pela autora nas homenagens prestadas ao Cap. Yeddo Blauth, em 26 de Dezembro de 1946).

COMITÉ CÍVICO DE EX-COMBATENTES

SEDE: RUA GEN. CÂMARA, 383 — CONJ. 91
PÔRTO ALEGRE

1.ª PROCLAMAÇÃO

Os ex-combatentes que em 1944/45 atravessaram o mar para lutar pela Democracia na Itália, Europa, e que inscreveram no seu brazão o dístico «LIBERDADE E DEMOCRACIA», resolveram depois de mais de 15 anos de silêncio, que valia a pena enfrentar uma nova luta, uma batalha pelas urnas, levando à Assembléia Legislativa, como Deputado Estadual, um ex-combatente que como capitão comandante da 3.ª Cia. do Regimento Sampaio, liderou os pracinhas na histórica jornada de 21 de fevereiro de 1945 que culminou na tomada de Monte Castelo. Trata-se do Cel. Ref. Yeddo Blauth, que ferido dois dias depois, ficou impossibilitado para o serviço militar. Entretanto o coronel depois de ano e meio de tratamento nos Hospitais Militares dos E.U., como ferido de guerra, aonde teve tempo para meditar e observar, quando teve alta e regressou, voltou resolvido a continuar a servir ao seu país, como contribuinte, e estabeleceu-se na R. José de Alencar 603, e ao mesmo tempo que administrava seu estabelecimento comercial, interessava-se pela sorte dos Ex-Combatentes, tendo presidido por mais de uma vez os destinos da Associação de Ex-Combatentes, Secção de Pôrto Alegre. Com 8 condecorações por mérito ou bravura, sendo uma do Exército Francês e outra do Exército Norte Americano, o nosso candidato foi um militar que honrou a farda do Exército Brasileiro, e como comerciante, levou sua firma pelo caminho da prosperidade honesta, mercê de sua capacidade de direção e não por meios escusos. Venceu pelo trabalho eficiente e não pela astúcia inescrupulosa que permitiu o aparceimento de tantas fortunas fabulosas. Nosso candidato sempre dignificou os cargos que exerceu e nunca precisou cargos para dignificar-se. Tendo como oficial se preocupado pelos seus soldados, como cidadão e comerciante preocupou-se com a sorte dos humildes e dos que querem progredir pelo tra-

balho honesto e diligente. Por tudo isso, está o Comité Cívico de Ex-Combatentes convencido que pedindo votos de todos para seu candidato, o Cel. Yeddo Blauth, está recomendando um candidato que será um deputado amigo não só dos ex-combatentes, mas de tôdas as causas justas. Foi acolhido pela legenda do Partido Renovador. O Movimento Trabalhista Renovador. Sabem os ex-combatentes que não é fácil a eleição do seu candidato, e assim apelam para todos os amigos e admiradores da FEB e dos pracinhas para prestigiarem não só com o seu voto, mas de todos os seus familiares, ao candidato dos Ex-Combatentes, Cel. Yeddo Blauth, da legenda do MTR e que terá como lema de sua campanha:

«DESENVOLVIMENTO COM LIBERDADE»

NOTA: Cédulas e material de propaganda, podem ser solicitados no enderêço acima.

———x———

COMITÉ APARTIDÁRIO — YEDDO BLAUTH

SEDE: RUA GEN.. CÂMARA, 383 - CONJ. 91 - P. ALEGRE

2.ª PROCLAMAÇÃO

— «CADA POVO TEM O GOVÊRNO QUE MERECE».

— «O CASTIGO DOS BONS, PELA SUA OMISSÃO NA POLÍTICA, É O DE SEREM GOVERNADOS PELOS MÁUS».

Ambas as sentenças se completam. Bem compreendendo e sentindo a verdade das mesmas, refletida nas crises que se avolumam e agravam dia a dia, os compo-

nentes dêste Comitê estão persuadidos, — e cremos que a maioria absoluta dos nossos bravos e espoliados patrícios também, — de que tôda esta desordem é o fruto da crise de caráter, vale dizer, da inversão de valôres na administração pública.

Daí o nosso apôio à iniciativa dos nossos gloriósos ex-combatentes, escolhendo como candidato seu à Assembléia Legislativa, a figura ilustre e heróica do Coronel Reformado YEDDO BLAUTH. Deu êle o melhor da sua vida nos gélidos campos de batalha da Itália, na defesa da Pátria e da Liberdade. Agora, convidado para candidatar-se Deputado Estadual sob a legenda do MTR, em mais uma demonstração de civismo atendeu ao apêlo dos seus concidadãos, embora com relutância devido aos seus afazeres particulares. Ao anunciar sua decisão, teve uma expressão que bem caracteriza sua personalidade: «Bem, não basta criticar. É preciso fazer algo para modificar o que aí está. Aceito o ônus de uma campanha que sei ser árdua. Não posso fugir à luta que me confiais».

Portanto, como reconhecimento à sua capacidade e gratidão por seus méritos, conclamamos a todos os nossos patrícios a sufragarem nas urnas o nosso candidato. Para DEPUTADO ESTADUAL — **YEDDO BLAUTH.**

AJUDEM-NOS NESTA CRUZADA PELA RENOVAÇÃO DE VALÔRES!

Insistí junto a seus familiares, parentes e amigos, pois nem tudo está perdido. O VOTO É LIVRE E SECRETO. Se o nosso candidato não fôr o da vossa preferência, escolhei outro que, por sua eficiência e honorabilidade, — tanto na vida privada como na pública —, esteja de fato em condições de zelar pelo bem público, sem compromissos secretos com classes ou grupos de qualquer espécie, isto é, SEM DEMAGOGIA.

— «MAIS VALE ACENDER UMA VELA DO QUE MALDIZER A ESCURIDÃO».

NOTA: Cédulas e material de propaganda, podem ser solicitados no enderêço acima.

3.ª PROCLAMAÇÃO

«VOTO BEM DADO! PROGRESSO ASSEGURADO!»

Depois de apresentado o candidato, é justo que algo seja dito sôbre como pretende agir, se merecer a preferência do eleitorado.

Evidente que um deputado estadual não pode fazer grandes promessas, mas pode e deve assumir certos compromissos que constituirão sua plataforma.

Assim, na Assembléia, junto às Convenções do Partido ou em ligação com a Alta Direção e as Bancadas Federais da Câmara e Senado do MTR, defenderá as medidas tendentes a proporcionar ao povo a tão prometida melhoria das condições de vida. Mas quais são essas medidas que, sem prejudicar ninguém, podem nos dar esta tão falada melhoria do padrão de vida? Eis algumas das Providências Possíveis, Práticas, Fáceis, ao Alcance de Qualquer Compreensão, que então constituem a Plataforma-Resumo do Candidato:

1.º) — Isenção total de qualquer tributo sôbre o salário, sôbre a casa própria e sôbre os bens de alimentação e consumo essencial;
2.º) — Unificação da Previdência Social com administração paritária e uniforme de benefícios;
3.º) — Cooperação absoluta para aumento do Potencial Elétrico, com vistas à Eletrificação Rural, e à intensificação da asfaltagem de nossas estradas do interior;
4.º) — Tentativa para conseguir desburocratizar nossa moribunda Navegação Fluvial, fazendo com que as «Estradas que Andam» novamente transportem de maneira econômica nossa produção, sobretudo a de gêneros alimentícios;
5.º) — Uso adequado do poder político para conseguir harmonia e justiça salarial do ponto de vista comparativo entre as diferentes classes. Ter em mente que só uma filosofia de consumo permite absorver o aumento de produção, e que para consumir é preciso ter poder de

compra. A política de equilíbrio salarial visa aumentar o poder aquisitivo da maioria assalariada;

6.º) — Esfôrço para que o MTR se consolide como partido de programa, com difusão de suas idéias e ideais. Os homens são meros executores do programa. Todos os partidos, por caminhos diferentes, querem a mesma cousa — O BEM COMUM —. Conseguir mais correligionários, difundindo entre os eleitores qual o caminho que o MTR indica como o melhor e mais rápido para que se atinja aquilo que é a divisa da nossa Bandeira — ORDEM E PROGRESSO!

7.º) — Emprêgo racional, criterioso e eficiente do dinheiro do contribuinte, eliminando a necessidade de aumentar impostos — «GUERRA AO DESPERDÍCIO E A MALVERSAÇÃO!»

ELEITOR — Com a eleição não termina tua obrigação. É preciso fiscalizar teu deputado. Acompanha suas atividades e se verificares que êle não está correspondendo, por escrito ou pessoalmente exerce teu direito de crítica. Mesmo os sábios precisam de orientação e conselhos. E os deputados, certamente em sua maioria não são sábios. São apenas os representantes do Povo, no que êle possue de bom e de ruim. Estimula o lado bom e ao mesmo tempo protesta bem alto contra o lado ruim.

YEDDO BLAUTH
Candidato a Dep. Estadual pelo MTR.
Rua José de Alencar, 603 — M. Deus — P. ALEGRE
FONE: 3-1719

———x———

PARA DEPUTADO ESTADUAL

YEDDO BLAUTH

PARA DEPUTADO ESTADUAL

YEDDO BLAUTH

Cap. Yeddo Blauth

Uma das máximas do Cap. Yeddo

Não é com discussões e nem com argumentos estéreis que se resolvem as coisas, é com — ação.